

Fernando Pessoa

**LUCIFER: Como quando o mortal, que a terra habita,**

*LUCIFER:*

Como quando o mortal, que a terra habita,  
Aprende que esse céu todo estrelado  
É cheio de outros mundos, na infinita  
Pluralidade do criado,  
E um abismo se lhe abre na consciência  
E uma realidade invisível gela,  
Seu sentimento da existência,  
E um novo ser-de-tudo se revela,  
Assim, pensando e, a meu modo, vendo  
Na interna imensidão do espaço abstracto,  
Fui como deuses vários conhecendo,  
Todos eternos e infinitos sendo,  
Os astros.

E vi que Deus, se é tudo para o mundo,  
Se a substância e o ser do nosso ser  
Não é o único Deus mais que profundo.  
Há infinitos de infinitos.

Por isso, Deus é eterno e infinito, e tudo,  
Sim mesmo o tudo que é, Deus o transcende.  
Porém muita ciência a mais ascende  
Que a esse único Deus que a tudo excede.  
Além do transcender-se que Deus é.  
E ergui então a voz amargurada,  
Porque o conhecimento transcendente  
Deixa a alma exânime e gelada.

E clamei contra Deus o além-Deus,

Disse aos meus pares o segredo ominoso.

Eterno condenado, errarei sempre  
Sempre maldito,  
Porque este mundo (...)  
Só sendo mais que Deus eu poderia  
Transcender o infinito do infinito  
E nascer para o inumerável dia...

Como, banido, o arqueiro Filoctetes  
Sou só na alma porque vi o abismo.  
Excluso eterno (...)  
A vida pávida que cismo.

Sou morte, porque sei que o infinito,  
É limitado, e assim Deus morre em mim.

Deus sabe que é uno, um e infinito,  
Mas eu sei que Deus, sendo-o, não o é.  
Mais longe que Deus vai meu ser proscrito.

s. d.

**Fausto — Tragédia Subjectiva** . Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 23.